



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

15 de Maio de 2004 • Ano LXI • N.º 1570
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Aclio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 - Fax 255753799 — Cont. 500768898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

CALVÁRIO

O Pepe e as sequelas

DEPOIS do que aconteceu ao Pepe, já aqui vieram ter alguns pedidos para recebermos menores com dificuldades intelectuais e sem suporte familiar adequado. Muitos destes causam problemas onde vivem e de tal modo sérios que foi precisa a intervenção do serviço social e o encaminhamento para o foro judicial.

Ora, porque tememos que os senhores magistrados troquem o sim pelo não, como sucedeu com o Pepe, não vamos atender mais pedidos oficiais. Pensávamos que aquelas instâncias

eram cuidadosas e firmes nas suas decisões; agora, não temos essa certeza. Tanto mais forte é a nossa dúvida, porquanto, em tempo, igualmente nos retiraram outros doentes e com aparato semelhante ao do Pepe. Este foi-nos entregue três vezes pelo mesmo Tribunal que, por fim, resolveu retirá-lo.

Isto causa instabilidade, gera desconfiança e provoca mal-estar nesta serena comunidade de irmãos, que ao longo do tempo vão criando grandes amizades entre si.

Vamos, pois, virar-nos para outras

origens e responder ao povo simples, quando a aflição lhe bater à porta.

A última criatura que recolhemos veio pela mão de familiares. Pequena, meiga e muito carente, porque órfã de pais desde criança, a Ernestina sofre de trissomia vinte e um. A irmã, com quem ela vivia, paralizou e não lhe pode valer.

A pequena fez a integração mais rápida que conheci ao longo de todos estes anos. É já tão feliz como todos os doentes que a receberam no seu meio.

Neste caso não houve inquérito nem instâncias a suplicar, mas o povo simples que em nós depõe confiança.

Como o Pepe também ela vai ensinar-nos a viver na paz dos simples, daqueles que não conhecem o mal. Cada doente que chega é sempre um livro novo que se nos abre para o folhearmos e nele colhermos lições.

Padre Baptista

O Bom Pastor

COMO há cinquenta anos ocorre neste 2 de Maio, memória de Santo Atanásio, o Domingo do Bom Pastor.

Nos três anos em que a Mãe Igreja escolhe textos bíblicos diferentes para nos fazer mais luz sobre o Mistério de Cristo, ao celebrar o Domingo IV da Páscoa vai sempre buscar a leitura evangélica ao capítulo décimo do Evangelho segundo S. João, que relata a parábola do Bom Pastor — daí o nome dado a este Domingo. Mas a perícopa escolhida para cada ano apresenta-nos uma faceta do Bom Pastor que o próprio Evangelho sugere e as restantes leituras nos ajudam a aprofundar. Este ano C é a figura do Cordeiro a iluminar a do Bom Pastor e temo-la na segunda leitura, do Livro do Apocalipse.

O cordeiro é imagem de inocência e de mansidão e também de entrega total. Por isso vítima ritual nos sacrifícios antigos. Como tal o apresenta Isaías e dessa apresentação faz o Discípulo Filipe ponto de partida para revelar Jesus ao

alto funcionário etíope que regressava de uma peregrinação a Jerusalém, tendo nas mãos o livro do Profeta.

O trecho do Apocalipse que hoje ouvimos, confirma que a multidão inumerável dos eleitos é constituída pelos que «lavaram as túnicas e as branquearam no Sangue do Cordeiro». E por isso Ele «será para eles o Pastor que os conduzirá às fontes de água viva», quer dizer: que os estabelecerá numa situação irreversível de Paz, de felicidade perfeita — «Eu dou-lhes a vida eterna e ninguém os arrebatará da minha mão».

O pastor é, pois, aquele que abre a porta às ovelhas e as conduz a pastos verdejantes e as reconduz ao redil; Aquele que contrasta com o mercenário, porque as ovelhas são suas e há entre ele e elas um vínculo de amor porque mutuamente se conhecem. Mas a sua entrega ao sacrifício, a sua disponibilidade para derramar sangue se a tanto for chamado, é carácter integrante que só ele fundamenta a verdade e a justiça do seu pastoreio. A dor é condição *sine qua non* do amor. Por isso, Jesus, Cordeiro de Deus, é o nosso Pastor — o Único verdadeiramente Bom, de cuja bondade nós recebemos uma porçãozinha, que seria muito se a não diminuísse a nossa fragilidade.

Continua na página 4

MOMENTOS

Remédio útil

FALAR do trabalho hoje, é tema tabu, ultrapassado como se encontra, pela propaganda de outras actividades do homem.

Também me não vou ocupar do seu valor para o desenvolvimento integral do ser humano.

Sabemos que o trabalho é utilizado como terapia na recuperação de muita gente perdida e, voltando atrás, podemos também abordá-lo como prevenção do infundável número de achaques de que sofre a juventude actual e muita gente.

A linguagem da Obra, tantas vezes deturpada por escrevinhadores, nunca foi outra e os nossos princípios pedagógicos acentuam a constatação do Padre Américo de que o trabalho é o melhor remédio contra a miséria, além de fonte de riqueza e de alegria.

Mas? Como é difícil agora pôr os rapazes a trabalhar?!...

A mesa posta e farta quatro vezes ao dia, os problemas espicaçantes resolvidos e o convite à instalação contínuo diminuem a intuição da sua necessidade. Fazer trabalhar é a maior dificuldade a vencer na educação dos rapazes em nossas Casas. Por isso, aproveitamos todas as oportunidades de tornar claro esta riqueza.

Durante as férias da Páscoa, para lhes encontrar ocupação pusemo-nos a cuidar do campo.

Temos um pequeno quadrado, de vinte metros, onde, este ano, se semeou favas, logo à entrada da Aldeia.

É agradável aos visitantes encontrarem a terra cultivada, como é feio vê-la em poiso.

O quadrado é elevado e escorado por muros rústicos de pedra, em todos os lados.

A erva dominava as favas e era necessário arrancá-la. Mandámos o «Peixinho» mais o «Fáfá».

Não sei qual deles gosta menos do trabalho. Como temos experiência das suas dificuldades, demos-lhe a tarefa de empreitada:

— Têm de arrancar as ervas até ao almoço, mas logo que acabem podem ir brincar.

A meio da manhã, passei por lá e observei que iam adiantados na sacha das favas e lembrei-lhes, de novo, a obrigação de acabarem antes do almoço.

Mal virei costas, sentaram-se e não fizeram mais nada.

À mesa, perguntei-lhes se tinham terminado. — Que não.

Da parte da tarde, voltaram ambos para o mesmo serviço e com idêntica recomendação. Pelas 16.30 h, apanhei-os sentados junto à casa-mãe, à espera da merenda.

— Acabaram tudo? — perguntei.

— Não, senhor!

— Então ide terminar que não merendais sem acabar o trabalho.

Não voltaram, nem para a merenda, nem para o jantar, nem para dormir. Foram para casa de amigos.

- Nestas ocasiões aparecem sempre «boas pessoas (?)» que têm muita pena dos meninos, coitados, que não deviam trabalhar.

Passaram-se sexta, o sábado e no Domingo, à tarde, apareceram binos a perguntarem-me se podiam entrar na comunidade.

Tanto um como o outro já fizeram dezasseis anos. A escola da rua cavou neles sulcos largos e profundos dando-lhes também alguma maturidade.

Na Aldeia, com esta fuga, estabeleceu-se alguma instabilidade e não só nos rapazes. Eles precisam de fugir, pensava comigo. Estas experiências abrem-lhe os olhos. Nesta fase do seu desenvolvimento é quase uma necessidade. Assim os rapazes autocorrigem-se. O castigo tomado pelas próprias mãos é o melhor para lhes despertar a consciência.

— Eu não sou a comunidade. Têm de falar com ela quando estiver reunida — respondi-lhes, sabe Deus com que coração! — Logo, ao Terço ou na sala de jantar, a comunidade junta-se e podereis, então, perguntar-lhe se vos aceita.

Enfrentar os companheiros apresentou-se-lhes como uma admoestação terrível. Obri-

Continua na página 3

Festas

Lisboa

Continuamos as nossas Festas. Nos locais por onde perigrarmos, esperamos amigos.

16 de Maio — Domingo, 15.30 h, Salão da Igreja de RIO DE MOURO.

22 de Maio — Sábado, 15.30 h, Cine-Teatro de Loures, LOURES.

23 de Maio — Domingo, 13.30 h, Cine-Teatro Avenida, CASTELO BRANCO.

30 de Maio — Domingo, 15.30 h, Igreja do Sagrado Coração de Jesus em LISBOA.

10 de Junho — Quinta-feira, Dia do Corpo de Deus, 21.30 h, Club Recreativo de Casinhos, FANHÕES.

Setúbal

Depois da estreia na Quinta do Anjo, havendo ainda algumas datas por acertar, temos confirmada presença nos seguintes locais:

22 de Maio — 21.30 h, Incrível Almadense, ALMADA.

30 de Maio — 16.00 h, Centro Paroquial do Montijo, MONTIJO.

10 de Junho — 21.30 h, Casa da Cultura da Quimlgal, BARREIRO.

19 de Junho — 21.30 h, Auditório da Anunciada, SETÚBAL.

26 de Junho — 21.30 h, Grupo Desportivo de Sesimbra, SESIMBRA.

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

VISITADOR DO POBRE — Vale a pena dar a palavra a Conceição Arenal, em seu livro «O Visitador do Pobre»:

«Podemos fazer muito bem ao Pobre, até materialmente. A miséria, entre outros males, produz uma espécie de apatia que faz preferir as dores ao trabalho de lhes procurar remédio, e um desmazelo que a caracteriza sempre e por toda a parte.

Conta Nicholls, ao falar na miséria na Irlanda, que vendo a entrada das pobres choupanas obstruída por toda a casta de imundície, perguntava aos moradores porque as não limpavam, ao que respondiam, somos tão pobres!

Esta resposta à primeira vista parece absurda; para dar uma varredura não é preciso ser-se rico; contudo este somo é tão pobres!, bem meditado, mergulha a raiz no coração humano e explica e desculpa um grande número de factos que condenamos de ânimo leve. Por serem tão pobres, tornam-se sujos; por serem tão pobres, cansam-se de lutar contra a infelicidade que tantas vezes os venceu; por serem tão pobres, as dores que os atormentam não lhes deixam sentir as incomodidades; por serem tão pobres, degradam-se e caem numa apatia que nem é estoicismo filosófico nem resignação cristã, mas antes uma brutal indolência.

Preparemo-nos portanto para lutar, muitas vezes sem proveito, contra o desleixo do pobre e pensemos que Deus recompensará a nossa boa vontade, e que aos olhos da caridade, nunca é pequeno o bem que se faz ou o mal que se evita.

Procuremos melhorar as condições higiénicas da morada do pobre, e façamo-lo de modo que ele nunca suspeite que ao fazê-lo buscamos a nossa comodidade e não o seu bem. Se o ar está viciado, o que é vulgar, podemos abrir a janela com um pretexto qualquer, notando a linda vista que se desfruta, um objecto que está em frente, etc., e a seguir, como que por esquecimento, deixámo-la ficar aberta.»

PARTILHA — Recebemos apenas três presenças de Amigos que mensalmente mandam o que acham por bem para alívio aos nossos Pobres.

A conta da farmácia, no mês de Abril, orçou a quinhentos euros. As obras das moradias do Património dos Pobres não têm parado. Não falando já dos valores que mensalmente entregamos a cada Pobre.

Temos então aqui os peregrinos que bateram à nossa porta: assinante 11856, do Porto, cem euros «para os medicamentos

dos doentes que vós socorreis. Esta quantia que vos envio é em acção de graças por muitas graças que Deus me deu».

Mais cinquenta euros da assinante 50939, de Oliveira de Azeméis, que nos chama a atenção: «não precisam de mandar recibo. Só uma referência, n' O GAIATO, para eu saber que foram entregues».

Por fim, o assinante 53241, do Luso, com um cheque de vinte e cinco euros, sua «contribuição relativa ao mês de Abril, que agradeço darem o destino que julgarem mais conveniente, conforme as necessidades dos vossos Pobres».

Curiosamente, bateu-nos agora à porta uma mulherzinha de setenta e tal anos, muito doente, que não dispensa os remédios que o médico receitou. «Eu ando muito mal! Não posso deixar as receitas que o médico me deu!» E lá foi mais aliviada, com a graça de Deus.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

SETÚBAL

REGA — Vários rapazes já começaram a fazer caldeiras à volta das laranjeiras para a rega. O pomar atrás da casa já as têm feitas, e já começou a ser regado. O rolo novo tem estado a regar a horta, a batata e o pomar das macieiras. O «Monchique» e o «Bruno Novo» andaram a regar os jardins e as árvores novas.

MILHO — Alguns terrenos já foram lavrados, estrumados e gradados. A máquina de semear milho já semeou o terreno do «deserto» e outros terrenos. Depois de termos dado o herbicida, esperamos que o milho dê boas espigas e silagem para o nosso gado. Até que o alimento fique pronto para dar aos animais, precisa de muitas regas e dos trabalhos da colheita.

FESTAS — No dia 8 de Maio fizemos a nossa primeira Festa, na Quinta do Anjo. Os rapazes dançaram bem, as pessoas riram-se muito com as anedotas e gostaram da mensagem que lhes levamos sobre a Família. Depois fomos para a «boda» preparada pelas senhoras nossas amigas.

CONVÍVIO — O Ricardinho e o «Pipas» foram participar num que decorreu na nossa Casa da Arrábida. O «Ouriço» foi ajudar na equipa de apoio ao Convívio. Vieram muito contentes e bem dispostos para a sua vida futura.

OBRAS — O Garcia esteve a arranjar os palheiros para evitar algum incêndio. Lavou e pintou as paredes para tudo ficar mais bonito. Na cozinha andou a preparar as coisas para montarmos uma bácia e uma fritadeira a gás que nos deram.

João Paulo



O Padre Carlos, em primeiro plano, ao lado do representante do Bispo que preside.

PAÇO DE SOUSA

«BODAS DE OURO» — Já lá vão cinquenta anos que o nosso Padre Carlos foi ordenado Presbítero, pelo Patriarca de Lisboa, D. Manuel Gonçalves Cerejeira, para servir a nossa Obra.

Para preparar a celebração de data tão feliz, alguns dos nossos rapazes foram convidados para o Sacramento da Reconciliação, na sexta-feira, 30 de Abril.

No dia 2 de Maio, Domingo do Bom Pastor, Dia Mundial de Oração pelas Vocações e Dia da Mãe fizemos uma festa muito bonita.

Pelas 18 horas, a Capela da Casa do Gaiato encheu-se a transbordar para a Celebração Eucarística do quinquagésimo aniversário da Ordenação Sacerdotal do nosso Padre Carlos.

Concelebraram alguns Padres da Rua, o Cónego Aurélio Galamba, o Pároco, o Padre Alberto, e o senhor Dr. Godinho de Lima, Vigário Geral da Diocese, que presidiu e traçou o percurso de serviço do Padre Carlos durante cinquenta anos. No final, agradeceu a amizade de todos, nesta hora de acção de graças.

Seguiu-se um jantar, no nosso refeitório, aberto a todos, gaiatos e amigos, preparado e servido com a ajuda de famílias de antigos gaiatos.

Cantou-se os «parabéns a você», ao som de uma nova banda da nossa Casa, que se apresentou neste dia de festa.

EXCURSÕES — Têm vindo algumas, que vêm a nossa Casa de cima a baixo e gostam muito da nossa Aldeia, pois está mais limpa; e também fazemos jogos de futebol e é raro sairmos derrotados, pois a nossa equipa é doutro mundo.

VITelo — Nasceu mais um e o melhor foi que ninguém sabia e quem descobriu foram os rapazes que andavam de bicicleta e passaram pela vacaria nova. Quando olharam, viram o vitelo caído e foram avisar os vaqueiros para o irem buscar. Porém, passado algum tempo acabou por morrer.

CASA DA PRAIA — Está em obras a nossa casa de férias de Azurara. Srá uma bela casa, daqui a pouco. Quem dera que no Verão esteja pronta para que aqueles rapazes que merecerem, gozarem umas boas férias, à beira-mar.

Rolando Filipe

DESPORTO — O Desporto, cá em Casa, tem sido bem aceite por toda a gente. Temos ginástica, ciclismo, futebol; tenho reparado que alguns rapazes se divertem no basquetebol (embora em condições menos boas) e dentro de pouco tempo, vai começar a natação. A piscina está a ficar..., cuidado! Já tivemos e ainda existe... rínque de patinagem, etc. Mas há uma coisa que não temos: Remo. E não temos, porque não há condições, espaço e muito menos tempo para a prática dessa modalidade, evitando assim, que se reme contra a maré. Por sinal, é desporto que não gosto,

precisamente por causa disso: remar contra a maré. E também me parece, que os Rapazes não apreciam! É uma modalidade (...) que quase sempre está a despropósito. Não devemos ser do contra! Nos jogos de futebol muitas das vezes, pelo lado errado, os árbitros e não só, chamam a si o protagonismo do jogo, quando na realidade devem ser os jogadores. Mau sinal quando assim é, e por conseguinte, fraco sintoma! Devemos procurar ser coerentes, conciliadores e compreensíveis. Pela nossa parte, procuramos sê-lo, desde que haja bom senso. Nós somos uma família e não gostamos, nem devemos, complicar aquilo que é fácil. Somos um Grupo coeso e forte, embora modesto e sem profissões de carreira. O nosso objectivo é, antes de mais, ocupar os tempos livres, acompanhar os Rapazes mais de perto e não alimentar... ilusões.

Os Iniciados deslocaram-se a Resende e dentro das quatro

linhas, ganharam com golos de: «Bolinhas» (4) e Tó-Zé (1), contra os quatro que o nosso «Peixinho» não conseguiu evitar. Estivemos a perder 4-1, no entanto, na segunda metade do jogo, inverteram-se os papéis. Escusado será dizer que a equipa de arbitragem era da terra, e não houve que dizer! Jogo difícil, mas agradável de se assistir. No final do encontro, o amigo Rabaça e companhia, apresentaram-nos uma merenda, com a respectiva bola de carne e as tradicionais «Cavacas de Resende», tudo bem regado com Coca-Cola e sumos.

No que diz respeito ao passeio, os Rapazes ficaram encantados com a bela paisagem do Douro. Tiveram até, oportunidade de ver os barcos em plena navegação no Rio Douro, que partem do cais da Ribeira (Porto) e que fazem o percurso até à Régua e vice-versa. Correu tudo como manda a regra, de quem quer e de quem gosta de andar nestas andanças futebolísticas, com harmonia, paz, sossego e tranquilidade de espírito!

Alberto («Resende»)

TOJAL

CAMPO — Foi plantada a batata, a cebola e o alho. Esperamos que o Senhor abençoe para que possamos colher da Sua graça — o fruto.

OFERTAS — Temos recebido muitas. Há dias, foram oferecidos alguns patos. Fizemos a matança de metade para as nossas refeições. Os outros ficaram para produção.

FESTAS — Já começámos com os espectáculos e têm estado a correr bem. Vamos a ver como correm os próximos, e contamos convosco, porque temos uma mensagem a transmitir.

AGRADECIMENTO — A todos os Amigos. A todos os que partilham os seus momentos de alegria e tristeza conosco. A todos os que rezam conosco no silêncio. Aos que dão a cara para que não nos falte nada, o nosso muito obrigado.

Abílio Pequeno

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — A visita ao Pobre realizada pelos vicentinos, é uma grande obra das Conferências de S. Vicente de Paulo.

A nossa visita cada vez que a fazemos, sentimos um grande prazer, por sermos úteis ao nosso semelhante. Que hom



TRIBUNA DE COIMBRA

Obras concluídas

FICARAM praticamente concluídas, antes da Páscoa, as nossas obras no edifício mais antigo desta Casa. Tudo foi renovado desde a pintura aos esgotos. Houve muito respeito, como se impunha, pelos traçados arquitectónicos originais. Esta é a Casa berço da Obra da Rua. Está linda! Houve também colaboração, na medida do possível dos nossos rapazes. Obra deles, Casa para eles... Ainda

não está habitada. Só o oratório está a funcionar. O Senhor, o primeiro «inquilino»! Andamos a reparar alguns móveis que estavam guardados há tempo para mobilar adequadamente as camaratas dos rapazes. Os rapazes ficarão instalados em condições muito confortáveis, em termos de segurança e de higiene. Não faltam os detectores de incêndio e os respectivos extintores e outros requisitos. Que Deus nos



Não há pão como o nosso!

guarde!

Quem nos visita fica bem impressionado e isso é motivo de grande satisfação para todos nós. Estamos só preocupados com o bem dos nossos, e nisso gostaríamos que ninguém nos ultrapassasse, ou nos fizesse reparo justo.

Obras em nossa Casa são imparáveis. Neste momento andamos na padaria. Estava bem carente de uma «volta de mestre», o nosso pão, quantinho, em dia de falta do pão que o *Continente* de Coimbra nos oferece amavelmente, é uma delícia. É a lenha dos nossos pinhais e dos nossos olivais, o manusear manual da massa pelos rapazes que lhe confere esse gosto. Não há pão como o nosso! A nossa padaria tem sido, também, escola de formação para muitos rapazes. Vai agora, pois, ficar um pouco mais modernizada e mais higiénica.

Quando, há dois anos, recebemos a visita do Presidente da República, dois pães dos nossos fizeram parte das prendas que então lhe oferecemos... sabendo do seu jeito simples de ser. O pão dos pobres deveria ser saboreado por quem manda e nos lugares onde vivem. Também muitas das leis que nos governam seriam mais sensatas e justas. Esperamos que tenha gostado!

Obras que são também um sorvedouro de economias. Só as pinturas, exterior e interior, rondam cerca de cinco mil contos, para não dizer mais de outras.

Deus não nos falta, claro! Mas temos que estender a nossa mão e dar graças, confiantes e humildes.

Padre João

DOCTRINA



É este amor que falta ao mundo

UM visitante deixou-nos ficar um cartão e a notícia de que perdera um anel perto de um dos nossos tanques. Ele indicava o sítio e pedia que lho mandassem no caso de aparecer. Apareceu. Foi o «Sapo» que o achou. O «Sapo» é muito trigueiro, mas a verdade é que reluzia mais do que o ouro quando me disse a estoirar de alegria: «Achei-o ao pé do tanque». O anel foi entregue ao Avelino com o pedido de guardar e avisar o seu dono. Noutros tempos, com estes rapazes, as coisas achadas levavam outro caminho. Mais. As coisas eram procuradas... Agora não é assim. Porquê? Cama feita de lavado. Armário do pão às ordens. Um tribunal infantil sem código nem advogados, aonde a lei promana directamente da acção. Resumo: dar de comer, dar de vestir, fazer justiça. Eis como se ama! E é este amor que falta no mundo.

OS senhores lembrem-se. Os senhores mais senhoras leitoras lembrem-se certamente do escândalo que deu aquele dos nossos rapazes quando me pediu licença de comprar uma aliança de ouro para a sua namorada, caso este que deu nas vistas e foi muito falado. Pois agora há muito pior. Um caso muito pior. Um outro dos nossos que também tem namorada e ganha pouco dinheiro, pede-me que o ajude a comprar uma aliança! Por esta notícia não fica ninguém a saber se o rapaz foi atendido, mas se alguém concluir que sim pode tirar daqui motivos de uma campanha desfavorável: «Anda ele (eu) a pedir subsídios ao Governo e esmolas ao povo para comprar alianças de ouro às namoradas dos moços, etc., etc., etc.». Sim. Muito se poderia falar neste sentido. Mas antes que outros o digam ou possam vir a dizer, quero eu aqui falar. Escutem: Se nos lares da nossa terra há filhos tão sinceros e tão amigos que levem estes casos ao conhecimento de seus pais com aquela mesma simplicidade que estes rapazes mos vêm expor; se assim acontece, digo, temos o Bem implantado nas famílias. Se não, não.

SÉRGIO é, como todos sabem, o nosso chefe eleito. Sérgio, no passado Domingo, quis ir jogar fora e pediu-me se o podia fazer. «Podes, mas deixa alguém no teu lugar.» Vem a hora do jantar. Vem o fim da refeição. Estão todos. Sérgio bate as mãos, impõe silêncio e anuncia: «Eu vou sair. Volto às seis e meia. Fica o 'Staca' no meu lugar». Nisto volta-se para o substituto e dá as instruções: «Olha que tu repara por tudo». Voz poderosa. Voz querida. Fala o chefe deles. Nomeia um rapaz dos deles. Podia ter-me nomeado a mim que estava ali presente e gabo-me de saber alguma coisa daquilo; podia, sim, mas não. Não o fez. «Fica o 'Staca'.» E ficou o «Staca». Resultado: Um mar de rapazes. Um mar de visitantes. Portas abertas. Caminhos desimpedidos. O «Staca» a manter a ordem e eu regalado sem fazer nada. Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes.

UM caso a propósito: Eu era seminarista. O meu Prelado, daquele tempo, tinha a paixão da questão operária. Amava as classes operárias. Criou uma Associação. Deu-lhes a sede. Fez estatutos. Nomeou assistente religioso. Tudo muito bem. Mas pareceu-lhe que a Direcção havia de ser composta por estranhos. Pôs lá professores! Professores de capelo!! Vem a primeira sessão. Os operários olham para a mesa. Vêm lá os senhores doutores. Nunca mais lá foram.

D. Amén. 5.!

(Do livro Isto é a Casa do Gaiato, 2.º vol. — em reedição)

Momentos

Continuação da página 1

gava-os à verdade. Só a verdade liberta. Não se atreveram então.

Passou-se Domingo e segunda-feira. Uma indizível perturbação interior começou a massacrar-me. Segunda-feira foi dia de aulas e o meu sofrimento intensificou-se, mas disfarcei-o quanto pude.

Na terça-feira, de manhã, subia as escadas do refeitório para o pequeno-almoço e encontrei-os, um de cada lado, no átrio, à entrada da porta de fora. O dia apresentava-se luminoso e calmo e o canto dos melros, nas árvores das rampas floridas, dulcificavam o ambiente. Vendo-me, riram-se e volta-

ram a cara para o lado à minha passagem.

Fiz de conta que não percebi, mas um alvoroço de alegria dominou-me imediatamente e entrei no refeitório fechando a porta.

Quando o chefe me perguntou se podia levantar os rapazes, pedi-lhe que chamasse os fugitivos.

Era preciso ajudá-los. Tornava-se evidente que sozinhos não seriam capazes.

Entraram de cabeça baixa, com um sorriso envergonhado, artificial e tive, de novo, de dar um empurrão!

São momentos solenes, estes. A verdade torna-se evidente. É um bálsamo para todos. O silêncio impôs-se espon-

taneamente, e mais de duzentos olhos fixaram-se nos réus, não como acusadores, mas cheios de compaixão. A comunidade disse que sim depois de a ter ajudado a ver o problema nos diversos ângulos e onde o trabalho de cada um apareceu como elemento construtor e constitutivo da comunidade.

— Quereis entrar, mas quem aguentou, nestes dias, a comunidade? Quem aqueceu o café e pôs as mesas onde vos quereis sentar? Onde estaria a comunidade se todos procedessem do mesmo modo?

Estes rapazes arrastam atrás de si muitos processos de tribunais. Aguardamos que as contínuas lições da vida de uma Casa do Gaiato lhes dê forças para um aceitável equilíbrio.

Padre Acílio

seria se, nós vicentinos, nunca esquecêsemos de realizar a nossa visita. O Pobre espera sempre de nós uma palavra de conforto para atenuar o seu sofrimento. Por isso é fundamental que o vicentino visite o seu Pobre na sua casa, por muito que lhe custe ver a miséria em que vive, mas é com a nossa presença, em nome do Pai do Céu, que eles ganham força para a caminhada das suas vidas.

Entremos, pois, com muita coragem nos seus recintos, em que, por vezes, a pobreza é condenada a morar, não os deixemos arruinar mais este mal-estar. Conversemos com os nossos Pobres, porque é através do diálogo que vamos conquistando a sua confiança e podemos conhecer melhor os seus familiares e os seus males. Porque nós vicentinos não temos o dom da sabedoria, por isso agimos com a nossa consciência tranquila, de que o que

fazemos é em nome do Pai, por isso o Senhor nos ajude a ajuizar o melhor possível, sem ferir sensibilidades.

Com esta maneira simples do Evangelho, pondo nas mãos do Pai, o Pobre passa a ver em nós mais um amigo, podendo, assim, estar mais familiarizados e seguimos estas famílias por longo tempo, mesmo depois de não terem necessidade do nosso apoio material, mas sim o nosso apoio como amigos.

Mas que alegria é para nós vicentinos, podermos acompanhar pela vida fora, uma família que tenha desistido de ter certos vícios e agora conseguiu pelos seus próprios meios, ter uma vida normal, como qualquer cidadão, quantas graças damos a Deus, por mais um êxito, que orgulho para as obras vicentinas saber que aquela família disse sim à vida com amor.

Como é gratificante ouvir-

mos nas reuniões que fazemos os vicentinos a comunicarem que a família que visitam já não parece a mesma, que os filhos já vão à escola, que o pai ou a mãe já deixaram o álcool. Quantas vezes levantamos as mãos ao Pai, para agradecer o nosso trabalho, mas não pensemos que só temos alegrias, quantas vezes já passou pela nossa mente, dizer o que ando aqui a fazer, porque eles não colaboram nada, só querem é a ajuda monetária, e uns arruinam os outros e lá andamos com altos e baixos, mas sempre confiantes.

Ninguém em consciência pode ver nas obras vicentinas e nos vicentinos uma espécie de concorrência às outras obras de auxílio aos irmãos mais carenciados, porque nós vicentinos vimos com muita alegria outras obras e entidades a colaborarem para o bem do próximo.

Para nós a palavra do Evangelho é só uma, e é esse Evan-

gelho que nos leva a levar ao nosso visitado uma palavra de amor para aliviar um pouco o seu sofrimento.

A nossa parte de vicentinos será sempre muito pequena para as suas necessidades. Sabemos aumentar o seu mérito pela perfeição que fazemos no nosso trabalho em prol do nosso semelhante porque de uma coisa temos a certeza — o Pai nunca nos abandona.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — Assinante 13369, o seu donativo e a sua mensagem amiga; M. M., o seu habitual contributo; Anónimo, cinquenta euros; Francelina, idem; assinante 22890, idem; M. Luísa, metade; amiga, de Fiães, o seu cheque habitual; Maria Dolores, quinze euros.

Queremos agradecer a todos os nossos Amigos as suas mensagens de força e o vosso contributo. Bem-haja a todos.

Casal vicentino

BENGUELA

Acção de Graças

É uma coincidência feliz: Estou a redigir estas notas no dia em que o nosso Padre Carlos celebra cinquenta anos de sacerdote. Dentro de pouco tempo, pelas notícias d'O GAIATO, será a celebração festiva na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, acompanhado dos rapazes que nasceram, cresceram e caminharam com ele, ao longo dos anos, alimentados pelo dom da sua vida. Quem me dera estar lá, também, nessa hora, com todos os Padres da Rua! É que o meu sacerdócio foi profundamente marcado pela sua vivência sacerdotal de Padre da Rua. Como irmão mais velho, foi um ponto de referência seguro desde a minha Ordenação. Aprendeu a ser Padre da Rua, com Jesus Cristo, no sacerdócio de Pai Américo. Aprendi a ser Padre da Rua, com Jesus Cristo, no sacerdócio do Padre Carlos, com quem vivi muito de perto, nos primeiros anos do meu sacerdócio, até à vinda para Benguela. Foram anos determinantes da minha vida. Por isso, é hora de Acção de Graças.

Nas Bodas de Ouro sacerdotais do Padre

Carlos, sou levado aos momentos áureos da vida da Obra da Rua, com o lema que a caracteriza — Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes — a atingir um ponto muito alto. O casal Júlio Mendes e Emília, que Pai Américo viu nascer, foi o ponto de partida dum grupo de casais que marcaram uma época da qual tenho muitas saudades. O sacerdócio do Padre Carlos estava no alicerce deste edifício maravilhoso.

O sonho de Pai Américo era o nascimento da Obra da Rua em África. Cedo se transformou na terra do seu amor. Os dezoito anos vividos em Moçambique, como funcionário, antes da «martelada» que Deus lhe deu, marcaram a sua vida. Não pôde ver realizado o sonho, enquanto viveu. O Padre Carlos, atento como ninguém ao sopro do Espírito em Pai Américo, deu vida ao que antes era sonho. Foi, assim o creio, uma hora muito rica da vivência do seu sacerdócio, ao longo dos cinquenta anos de Padre da Rua. Depois de duas viagens a Angola e Moçambique, ao jeito de reconhecimento e preparação do terreno, num período muito

Os Gaiatos da Casa de Benguela, Os Padres As Senhoras e demais colaboradores alegram-se nesta data de festa e agradecem ao Pai do Céu o dom da sua vida e dedicação.

2 de Maio de 2004

50 Anos de sacerdote do P. Carlos



conturbado em África, nos anos sessenta, a Obra da Rua é levada no seu regaço para Malanje e Benguela, na companhia de Padre Telmo e eu.

O mais importante fica sempre por dizer. Os cantinhos da nossa Capela, da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, a formar triângulo com o vértice no Sacrário, sabem o que de mais importante se passou na sua vida de

Sacerdote. Jesus Cristo, no santuário do coração dos rapazes, sabe tudo. Os Pobres a quem muito amou e ama dão testemunho do amor do Pai no seu sacerdócio. A mudança das vidas, pela iluminação das consciências com os seus escritos n'O GAIATO, podem falar bem alto da grandeza escondida no sacerdócio do Padre Carlos.

Padre Manuel António

SETÚBAL

Infância desprotegida

HÁ já muito tempo que é expressão corrente falar das crianças desprotegidas, como crianças em risco ou em perigo. Generalizou-se de tal maneira esta denominação, com contornos de globalização dos males que afectam as crianças, que todas as situações nela encaixam.

Nas nossas Festas que agora vamos realizando, temos repetido o que desde o início nos constitui: sermos famílias com as crianças sem família.

Os nossos, quando para nós vieram, estavam nessa

situação — sem família, portanto abandonados; ou já nos vícios da rua — no roubo, no fumo, numa vida à margem da sociedade.

Haviam por isso ultrapassado já a fronteira do risco e entrado em caminhos perigosos; mais vítimas que causadores do seu próprio mal. Este, há que procurá-lo a montante das suas existências.

Como é possível que, quem tem poderes para determinar o futuro destas crianças, sentencie que quem os abandonou, quem os lançou nos caminhos da marginalidade, é que tem os

meios para os retirar do charco em que os lançaram? Onde a capacidade para regenerar outros, quem a si mesmo não é capaz de o fazer?

São cegos a guiar outros cegos.

Esta cegueira não lhes permite conhecer a realidade. Permite-lhes no entanto que, abstraída esta, por uma operação de cosmética, reduzam nas estatísticas o volume da infância desprotegida, e nos façam aproximar dos níveis dos nossos parceiros europeus — atirando de novo estas

crianças para o charco que já conhecem.

Tal como nos tratamentos cosméticos, também aqui os defeitos voltarão a emergir, insanáveis.

A mão que as crianças abandonadas necessitam, é aquela que as tire do abandono e as coloque numa família que o seja para elas.

Enquanto houver crianças nesta situação, mesmo com parentes, mas sem família que as queiram como parte sua, nós estaremos e seremos a sua parte.

Padre Júlio

PENSAMENTO

Sou testemunha de acusação. Acuso a Ciência. Acuso o Capital. Acuso o Poder. Acuso estas três forças enquanto as não souber a favor e ao serviço da Fraqueza.

PAI AMÉRICO

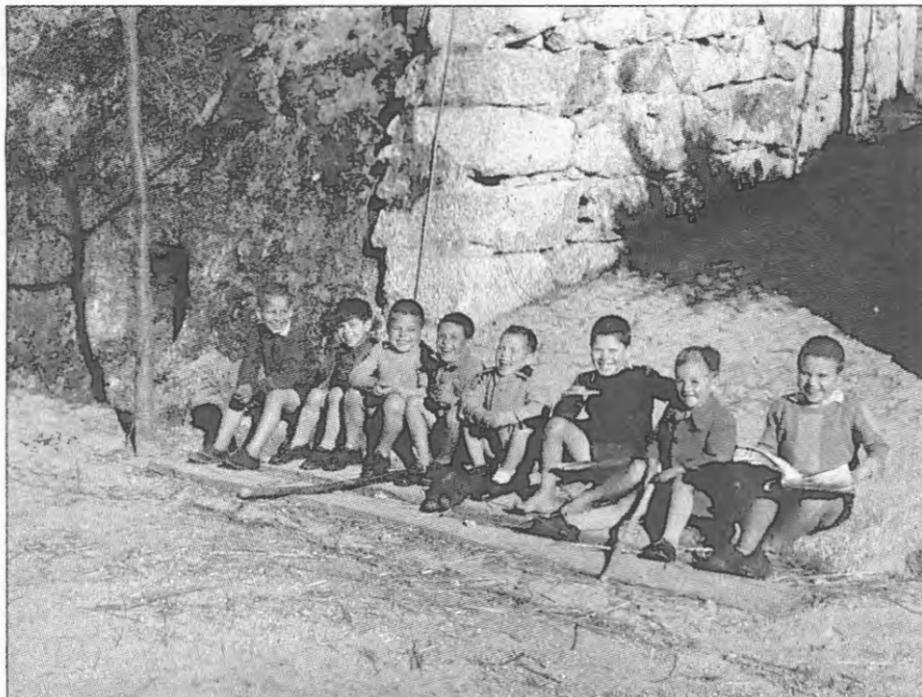
ENCONTROS em Lisboa

COMEÇOU o mês de Maio, carinhosamente dedicado a Nossa Senhora. Distraídos com mil coisas, os dias passam iguais e cheios e os meses sucedem-se sem vermos as esperanças que carregam com as suas motivações fortes. Foi o Fernandito que me chamou à realidade: «Faço anos no mês de Nossa Senhora».

Assim, vamos estar mais atentos a este mês... Por nossa Casa vai passar um grupo de trinta e quatro peregrinos a caminho de Fátima. É um costume de há vários anos. Fazem uma paragem, almoçam connosco e, depois celebram a Eucaristia e continuam a sua caminhada. Costumamos dizer-lhes que levem recomendações a Nossa Senhora de todos estes filhos que por aqui andam. Este ano, de uma maneira especial, não sei porquê, vou pedir-lhes que levem recomendações de alguns que já saíram desta Casa e que estão a ter dificuldades em encontrar o rumo da sua vida...

Sentimos grande alegria com os que saem com a sua vida organizada, mas sentimos também grande sofrimento quando as coisas não correm como deveriam. Neste mês de Maio dedicado a Maria Mãe de Deus e Nossa Mãe, coloco todos os que Deus nos confiou aos Seus pés, pedindo a sua bênção.

Padre Manuel Cristóvão



Os nossos, quando para nós vieram, estavam nessa situação — sem família, portanto abandonados.

O Bom Pastor

Continuação da página 1

Há, porém, nos trechos deste capítulo décimo de S. João, que fazem as leituras evangélicas nos três ciclos litúrgicos, uma constante: O bom pastor conhece as suas ovelhas; mas só são efectivamente suas as que o conhecem porque escutam a sua voz e o seguem. Não basta que o Cordeiro tenha derramado o Sangue da regeneração. É necessário que os que «estão na grande tribulação» venham a ele e branqueiem as suas túnicas naquele sangue. Por isso a aflição do Pastor causada pela ovelha que se tresmalhou e a diligência com que a procura. Por isso o seu grande anseio: que haja um só rebanho e um só pastor. E para que esta unidade seja real, é preciso que sejam coesos os laços entre ovelhas e pastor e tendam

para a unidade exemplar: «Eu e o Pai somos um só».

A vida das ovelhas e «vida em abundância», será sempre a grande compensação, a máxima alegria do pastor.

Uma nota mais a lembrar a inspiração de Pai Américo e a sua fundamentação bíblica: «o Cordeiro — Pastor».

É assim a dinâmica da Redenção: Para salvar os homens, Deus fez-Se homem em Jesus Cristo. E para levar ao requinte este pôr-Se ao nível dos homens, Jesus fez-Se Cordeiro para ser o verdadeiro Pastor.

Pois não achamos nós o vigor desta realidade no «Obra deles, por eles, para eles» que foi a sua ideia fixa de pai e de pastor?!...

Padre Carlos